

Produto hospitalar terá alíquota de importação eliminada

De acordo com o governo, insumos encarecem tratamentos financiados pelo SUS

RIO – O secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Cláudio Considera, anunciou que serão reduzidas a zero, as alíquotas de importação de insumos hospitalares, atualmente fixadas em 11%. Considera lembrou que esses insumos encarecem os tratamentos financiados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e oneram os gastos do ministério. Terão suas alíquotas zeradas próteses, marcapassos e equipamentos cirúrgicos, por exemplo.

Já os fornecedores de marcapassos recusaram ontem a proposta feita pelo governo de isenção do Imposto de Importação de 11% que incide sobre os produtos e mais um reajuste de 13,59% na tabela de pagamento do Sistema Único de Saúde (SUS). As empresas querem aumento de 31% no valor pago pelo aparelho, além da isenção tributária. A queda de braço entre o Ministério da Saúde e as empresas por causa de preços já reduziu em 80% o número de implantes realizados pela rede pública nas últimas três semanas, segundo a associação de fabricantes.

Até o fim do impasse, os hospitais do SUS só deverão fazer implantes de marcapassos – usados para manter normal o ritmo do batimento cardíaco – em casos de emergência, pois só nessa situação os fornecedores mantêm o preço tabelado do aparelho mais simples (R\$ 2.524,00). De acordo com o diretor da associação dos fabricantes de produtos médicos, Ronaldo Pitta, as unidades de saúde terão de enviar uma carta à associação para provar que usaram o marcapasso realmente para caso de urgência. “O hospital também pode usar o aparelho fora de situações emergenciais, mas terá de pagar o preço que temos liberdade de cobrar até que haja um acordo”, afirmou. O preço de mercado atualmente é de R\$ 4.200,00.

Em São Paulo, a Coordenadoria de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon) denunciou ontem a Golden Cross por prática abusiva de preços. De acordo com o órgão, a empresa aumentou em 2% o valor da mensalidade, em novembro, em troca de internações sem limite. A cobrança seria opcional, segundo informou a diretoria da Golden Cross, em comunicado. “A prática, além de não estar de acordo com a nova legislação do setor, viola o Código de Defesa do Consumidor”, disse Maria Stella Gregori, assistente de direção do Procon.

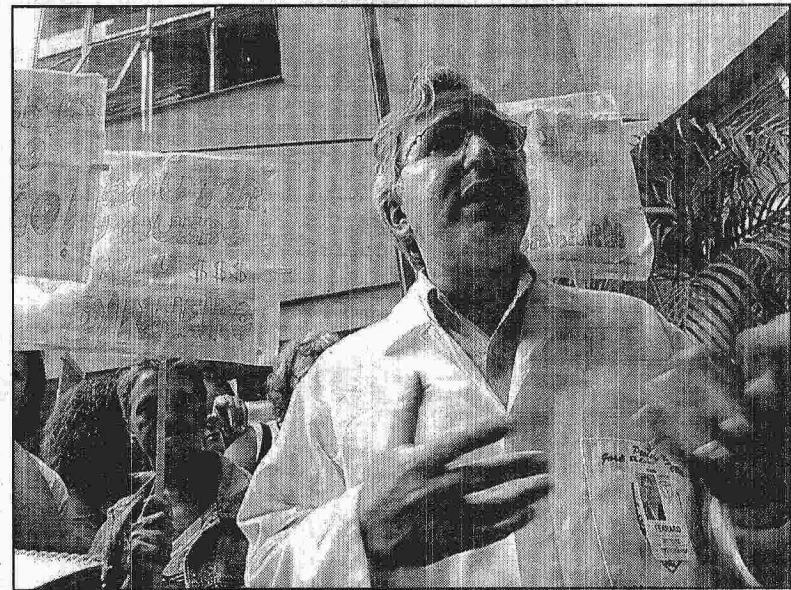
Hospital ameaça suspender grandes cirurgias

Medida será tomada pelo Hospital São Paulo se houver reajuste de preço dos materiais usados

LÍGIA FORMENTI

O Hospital São Paulo, um dos mais importantes da cidade, ameaça suspender cirurgias de alto custo, como transplantes e operações cardíacas de grande porte. O diretor-superintendente do hospital, José Roberto Ferraro, afirmou ontem que a medida será adotada caso o preço de materiais usados nos procedimentos seja reajustado. “Não teremos condições de arcar com o aumento anunciado”, disse. Segundo ele, alguns itens poderão ter o preço elevado em 100%.

Responsável pelo atendimento de 4.500 pacientes por dia e por 60 internações, o hospital não consegue arcar com suas despesas. “Temos um déficit mensal de 15%”, contou. Ferraro acredita que este ano a situação poderá piorar. “Em 1998, tivemos a ajuda da Secretaria Estadual



Médico José Ferraro: medida será adotada se materiais sofrerem reajuste

da Saúde, mas isso não deverá se repetir.” Para ele, uma das alternativas seria transferir a responsabilidade da folha de pagamento. Atualmente, apenas 50% dos gastos com funcionários são cobertos pelo Ministério da Educação. O restante é pago com parte da verba do Sistema Único de Saúde (SUS), de R\$ 7,2 milhões mensais.

A crise já afeta pacientes. Internado desde o dia 4 de janeiro, o diabético Celso Antônio da Silva teve uma cirurgia de amputação do pé adiada

duas vezes por falta de vaga. “Ele chegou a ser preparado para a operação e ficou várias horas em jejum, mas, na última hora, a cirurgia, que deveria ser urgente, foi cancelada”, afirmou o filho de Celso, Maurício da Silva. “A operação foi feita depois de dias de espera.”

Para garantir o bom atendimento do pai, Silva levou para o hospital materiais básicos como esparadrapo e gaze. Ferraro, porém, garante que a falta de materiais não é crônica. “Às vezes falta um ou outro item.”